



Isabel Cristina Rangel Moraes Bezerra

**Com quantos fios se tece uma reflexão?
Narrativas e argumentações no tear da interação**

Tese de Doutorado

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras do Departamento de Letras da PUC-Rio como parte dos requisitos parciais para obtenção do título de Doutor em Letras.

Orientadora: Profa. Inés Kayon de Miller

Rio de Janeiro

Abril de 2007



Isabel Cristina Rangel Moraes Bezerra

Com quantos fios se tece uma reflexão?

Narrativas e argumentações no tear da interação

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo programa de Pós-Graduação em Letras do Departamento de Letras do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Profa. Inés Kayon de Miller

Orientadora
Departamento de Letras – PUC-Rio

Profa. Liliana Cabral Bastos

Departamento de Letras - PUC-Rio

Profa. Lúcia Pacheco de Oliveira

Departamento de Letras – PUC-Rio

Profa. Maria Elisa Knust Silveira

Universidade Federal Fluminense - UFF

Profa. Solange Coelho Vereza

Departamento de Letras Estrangeiras Modernas -UFF

Prof. Paulo Fernando Carneiro de Andrade

Coordenador Setorial do Centro de Teologia
e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, _____ de _____ de _____.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da autora, da orientadora e da universidade.

Isabel Cristina Rangel Moraes Bezerra

Graduou-se em Letras (português-inglês) pela Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. É Mestre em Linguística Aplicada pela mesma universidade. Leciona na Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Atualmente é coordenadora do curso de pós-graduação em língua inglesa desta faculdade. Participou de diversos congressos nas áreas de ensino-aprendizagem de língua estrangeira e de formação de professores.

Ficha Catalográfica

Bezerra, Isabel Cristina Rangel Moraes

Com quantos fios se tece uma reflexão? Narrativas e argumentações no tear da interação / Isabel Cristina Rangel Moraes Bezerra ; orientadora: Inés Kayon de Miller. – 2007.

302f. ; 30 cm

Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

Inclui bibliografia

1. Letras – Teses. 2. Prática exploratória. 3. Narrativa conversacional. 4. Argumentação. 5. Reflexão profissional. 6. Identidade profissional. 7. 8. Crenças. I. Miller, Inés Kayon de. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Letras. III. Título.

CDD: 800

Para Carlos,
pelo 'amor-companheiro'.

Para meus pais, Sebastião e Odete,
pelo afeto e incentivo constantes.

Para minha irmã Ana, para Dani e Juju,

Para D. Benedita,
pelos momentos de ajuda.

Agradecimentos

À minha querida orientadora Inés Kayon de Miller, acima de tudo, pela amizade discursivamente co-construída, pelo saber generosamente partilhado ao longo dos anos e pelo estímulo, parceria e sabedoria com os quais me auxiliou para a produção deste trabalho.

Ao meu marido Carlos pela paciência, compreensão e apoio em todos os momentos.

Aos meus pais pela educação, carinho e incentivo.

À minha ‘sogrinha’ pela ajuda constante.

Aos meus queridos amigos do CELE pela colaboração na construção da pesquisa e por me abrirem espaço não apenas no CELE, mas em seus corações.

Às professoras Liliana Cabral Bastos, Lúcia Pacheco de Oliveira, Maria do Carmo Leite de Oliveira e Maria das Graças Dias Pereira por tudo que aprendi acadêmica e profissionalmente.

A todas as queridas amigas do Grupo de Prática Exploratória da PUC-Rio do qual orgulhosamente faço parte e com as quais tenho partilhado muitos puzzles profissionais e pessoais.

Aos meus colegas da PUC-Rio, em especial à querida Adriana Nóbrega Kuschnir, pela amizade e incentivo.

A todas as funcionárias do Departamento de Letras, em especial à Chiquinha, pela ajuda e paciência com todos nós, os pós-graduandos.

A todas as professoras que participaram da banca examinadora.

À PUC-Rio, pelos auxílios concedidos, sem os quais não haveria uma história de doutorado a ser contada e uma tese a ser escrita.

A todos os meus parentes e amigos que direta ou indiretamente me estimularam e ajudaram a prosseguir.

Resumo

Moraes Bezerra, Isabel Cristina Rangel; Miller, Inés Kayon (Orientadora). **Com quantos fios se tece uma reflexão? Narrativas e argumentações no tear da interação.** Rio de Janeiro, 2007. 302p. Tese de Doutorado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A reflexão profissional, para ser significativa, deve estar intrinsecamente ligada aos porquês dos envolvidos, segundo o viés proposto pela Prática Exploratória. Assim, esta tese traz sua colaboração para a área de formação continuada de professores de língua estrangeira ao focalizar o processo de co-construção de conhecimentos e de reflexão docente desenvolvido em um curso de idiomas no qual envolvi-me em uma consultoria exploratória com alguns colegas. A utilização dos princípios da Prática Exploratória para a condução do processo de reflexão eminentemente discursivo de fazer sentido da ‘vida em sala de aula’ (e fora dela) permitiu que o mesmo priorizasse a ‘qualidade de vida’, o ‘envolvimento’ e a ‘busca da união de todos’, o ‘desenvolvimento mútuo’, ainda que fosse possível mapear momentos de embate e de negociação de significados conflitantes. Ressalto que esse processo de ‘trabalhar para entender’ tornou-se híbrido na medida em que a pesquisa se fazia presente, envolvendo também os colegas. Dessa forma, a configuração discursiva das reuniões reflexivas ensejou discussões de nossas crenças, momentos de construção identitária, dentre outras questões, na medida em que tentávamos, enquanto grupo, fazer sentido da nossa prática docente. Sublinho que, neste trabalho, tomo o discurso em sua centralidade nos processos de negociação de entendimentos sobre quem somos e sobre o mundo social onde as práticas discursivas se configuram e, particularmente, para a construção discursiva da reflexão. Considerando o formato de nossos encontros – uma reunião para estudos e reflexão – narrativas e argumentações eram tecidas no tear da interação em consequência do uso de Atividades de Reflexão com Potencial Exploratório para darem início aos questionamentos. Portanto, a análise micro-discursiva que faço das interações tomam estes dois elementos como categorias fundamentais de análise para responder às questões ou *puzzles* que encaminham meu olhar de pesquisadora-consultora. Finalmente, ressalto ainda neste trabalho o olhar analítico não apenas à ação discursiva dos colegas, mas à minha também, especialmente no tocante à ação de consultora. Acredito que direcionar o foco de análise para minha ação discursiva contribui para a construção de um espaço no campo epistemológico da reflexão profissional voltado à reflexão do consultor sobre seu fazer profissional.

Palavras-chave

Prática Exploratória; narrativa conversacional; argumentação; reflexão profissional; identidade profissional; crenças.

Abstract

Moraes Bezerra, Isabel Cristina Rangel; Miller, Inés Kayon (Advisor). **How many threads to weave a reflection? Narrative and argumentation in the loom of interaction.** Rio de Janeiro, 2007. 302p. PhD Thesis – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

According to the Exploratory Practice Principles, for professional reflection to be meaningful, it must be deeply related to the puzzling questions formulated by those involved in the process. Therefore, this thesis makes its contribution to the area of EFL in-service teacher education as it focuses on the process of co-construction of knowledge and professional reflection developed with some colleagues in a language course where I got involved in an exploratory consultancy activity. Using the principles of Exploratory Practice to carry out this inherently discursive reflection process of making sense of ‘life in the classroom’ (and outside of it) allowed us to prioritize ‘quality of life’, ‘everybody’s involvement and union’, and ‘mutual development’ – even though it was possible to spot moments of conflicting meaning negotiation. I emphasize that the process of ‘working to understand’ became hybrid inasmuch as the academic research side was also present and involved my colleagues as well. Hence, the discursive configuration of our reflective sessions brought about discussion of our teaching and learning beliefs, identity construction moments, just to name a few issues, while we tried to make sense of our own teaching practice. Discourse is a central issue in this thesis in the meaning negotiation processes concerning who we are, the social world where discursive practices come to be, particularly, the discursive construction of reflection. Within the format of our reflective study sessions, narratives and argumentations were woven in the loom of interaction via Reflective Activities with Exploratory Potential to work for deeper understandings of our puzzles. Thus, the micro-discursive analysis of the face-to-face interactions took these two elements to respond to the questions or *puzzles* that led my research-consultant look. Finally, I also want to highlight that, in this thesis, I did not only direct my attention to my colleagues’ discursive action, but also to mine, especially in the consultant role. I believe that turning the focus to my discursive action has added to the construction of a space in the epistemological field that is devoted to professional consultant reflection on his/her own professional practice.

Keywords

Exploratory Practice; conversational narrative; argumentation; professional reflection; professional identity; beliefs.

Sumário

1. Introdução ou “Encontrando o fio da meada...”	16
---------------------------------------------------------	----

Parte I

2. Discurso – o fio sempre presente	26
--------------------------------------------	----

2.1. Discurso: espaço de tecer ideologia, poder, diálogo, conhecimento e ação	27
-------------------------------------------------------------------------------	----

2.2. A natureza social do discurso	28
------------------------------------	----

2.3. Discurso e poder	31
-----------------------	----

3. Tecendo a pesquisa	34
------------------------------	----

3.1. A pesquisa na tradição qualitativa – conflito, diálogo ou miscigenação de paradigmas?	34
--------------------------------------------------------------------------------------------	----

3.2. Linguística Aplicada – engajamento ético na construção sócio-discursiva de saberes	41
-----------------------------------------------------------------------------------------	----

3.3. Um fio multicolorido: por que a Prática Exploratória?	45
------------------------------------------------------------	----

3.3.1. Priorizando a qualidade de vida: o foco da Prática Exploratória no trabalho para entender	45
--------------------------------------------------------------------------------------------------	----

3.3.2. Prática Exploratória como forma de pesquisar a vida no grupo de reflexão	52
---------------------------------------------------------------------------------	----

3.3.3. A pesquisa do praticante ou a figura do <i>practitioner researcher</i> tecendo seu conhecimento	56
--------------------------------------------------------------------------------------------------------	----

3.3.4. Uma pergunta que não quer calar: como fica a questão da mudança?	58
-------------------------------------------------------------------------	----

3.3.5. Há uma ar de (auto-)etnografia também	62
----------------------------------------------	----

4. Entendendo a prática pedagógica sob uma perspectiva discursivo-reflexiva	66
------------------------------------------------------------------------------------	----

4.1. Reflexão/ refletir: Existem modelos?	67
-------------------------------------------	----

4.2. Algumas abordagens reflexivas para a prática docente	68
-----------------------------------------------------------	----

4.3. O lugar de construir conhecimentos/ entendimentos e crenças na ação docente reflexiva	74
--------------------------------------------------------------------------------------------	----

4.4. Ora, direis, ouvir críticas?	80
-----------------------------------	----

5. Construção identitária na ação discursiva	84
-----------------------------------------------------	----

5.1. O mundo pós-moderno: identidades dinâmicas e fragmentadas	84
----------------------------------------------------------------	----

5.2. Sócio-construção de identidade: o papel do discurso e a possibilidade de performance	87
-------------------------------------------------------------------------------------------	----

5.3. Identidades de grupo: quando o ‘eu’ se torna ‘nós’	91
---------------------------------------------------------	----

Parte II

6. Fios teóricos do discurso institucional-reflexivo no tear da interação	95
----------------------------------------------------------------------------------	----

6.1. A conversa como matriz de outras interações	95
--------------------------------------------------	----

6.2. Como entender a interação na instituição?	97
------------------------------------------------	----

6.3. Discurso da conscientização profissional: conversa de profissionais tornando-se conversa reflexiva	100
---------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----

6.4. Conversa profissional: <i>locus</i> de construção identitária e de <i>expertise</i>	101
7. Para entender a urdidura do tecido interacional: foco nos micro pontos da sócio-construção	103
7.1. Tecendo considerações sobre as macro estruturas sociais e as micro estruturas discursivas	103
7.2. Fazendo sentido da interação: contexto, enquadre, alinhamento, pistas de contextualização	106
7.3. Face: a possibilidade de tecer o micro e o macro	114
7.4. O ponto-a-ponto da argumentação	116
7.5. Para a configuração da análise há mais um ponto...	118
8. Narrativas para fazer sentido do mundo, interpretar experiências e construir o <i>self</i>	119
8.1. Estudo de narrativas: um terreno interdisciplinar	119
8.2. Narrativa é construção	122
8.3. Narrativa: memória e contexto para fazer sentido do vivido	124
8.4. A estrutura da narrativa laboviana – um ponto de entrada para análise	125
8.5. O tópico na narrativa	128
8.6. A narrativa na construção do eu	129
8.7. Narrativas no contexto de trabalho	131
Parte III	
9. A Prática Exploratória no tear: cada ponto da pesquisa	136
9.1. Tecendo a Prática Exploratória na ação de refletir e de pesquisar	136
9.2. Tecendo a pesquisa: os primeiros pontos	144
9.3. Havia um nó: a sustentabilidade	149
10. Nosso grupo de reflexão: uma comunidade de prática exploratória e discursiva	151
10.1. <i>A instituição</i> : o Centro de Ensino de Línguas Estrangeiras	151
10.2. Sobre nossa comunidade de estudos e de prática reflexiva	152
10.3. Sobre os <i>puzzles</i>	155
10.4. Quem somos nós? Olhando mais de perto	156
10.5. Transformando conversas profissionais reflexivas em dados	162
11. Múltiplos desenhos discursivos	164
11.1. A trama dos <i>desenhos do narrar</i>	165
11.1.1. Microcena 1 - Sobre dois vícios do professor	165
11.1.2. Microcena 2 - Sobre identidade de alunos e professores	168
11.1.3. Microcena 3 - “Ele ia me dar nota”	175
11.1.4. Microcena 4 - Sobre poder e tentativa de defesa	178
11.1.5. Microcena 5 - O dia em que ‘little Anthony’ virou criança	
Microcena 6 - Uma estória puxa outra	181
11.1.6. Microcena 7 - Uma estória para dois	185
11.1.7. Microcena 8 - Quando “eu substituí a Daniela”	189
11.1.8. Microcena 9 - Sobre afeto	
Microcena 10 - Sobre transparências	193
11.2. A trama dos <i>desenhos do argumentar</i>	200

11.2.1. Microcena 11 - Prática Exploratória e reflexão	201
11.2.2. Microcena 12 - Prática Exploratória é...	203
11.2.3. Microcena 13 - Crenças sobre ler e escrever	
Microcena 14 - "Eu não faço esse exercício"	206
11.2.4. Microcena 15 - Gramática? "Pra pessoa se comunicar não é essencial"	213
11.2.5. Microcena 16 - Como o aluno deve sentir-se para aprender?	215
11.2.6. Microcena 17 – Há lugar para tradução?	219
11.2.7. Microcena 18 – "Não sei, isso é muito relativo"	223
11.3. Desenhos híbridos: <i>quando narrativa e argumentação se articulam</i>	228
11.3.1. Microcena 19 – Mila e a Prática Exploratória	228
11.3.2. Microcena 20 – Prática profissional: momento crítico 1	233
11.3.3. Microcena 21 – Ensinar para o aluno fazer prova?: momento crítico 2	238
11.3.4. Microcena 22 - A autoridade da orientadora educacional	244
11.3.5. Microcena 23 - Um caso de estratégia de aprendizagem	248
11.3.6. Microcena 24 - Discutindo a vida no CELE: enquadres conflitantes	253
11.4. Para arrematar os desenhos	258
12. Refletindo sobre a experiência: o tecido e seus desenhos	259
12.1. <i>Puzzle 1</i>	260
12.2. <i>Puzzle 2</i>	261
12.3. <i>Puzzle 3</i>	263
12.4. <i>Puzzle 4</i>	265
12.5. Outros desenhos a tecer...	267
13. Referências bibliográficas	269
14. Apêndice	285

Lista de Quadros Analíticos por Microcena

Microcena 1 – <i>Sobre dois vícios do professor</i>	
Quadro analítico 1	167
Microcena 2 – <i>Sobre identidades de alunos e professores</i>	
Quadro analítico 2	169
Quadro analítico 3	170
Microcena 3 – <i>“Ele ia me dar nota.”</i>	
Quadro analítico 4	176
Quadro analítico 5	177
Microcena 4 – <i>Sobre poder e tentativa de defesa</i>	
Quadro analítico 6	180
Microcena 5 – <i>O dia em que little Anthony virou criança</i>	
Quadro analítico 7	182
Microcena 8 – <i>Quando “eu substituí a Daniela”</i>	
Quadro analítico 8	191
Quadro analítico 9	192
Quadro analítico 10	193
Microcena 9 – <i>Sobre afeto</i>	
Quadro analítico 11	195
Quadro analítico 12	196
Quadro analítico 13	196
Microcena 10 – <i>Sobre transparências</i>	
Quadro analítico 14	199
Microcena 12 – <i>Prática Exploratória é ...</i>	
Quadro analítico 15	205
Microcena 13 – <i>Crenças sobre ler e escrever</i>	
Quadro analítico 16	207
Quadro analítico 17	210
Microcena 14 – <i>“Eu não faço esse exercício.”</i>	
Quadro analítico 18	212
Microcena 15 – <i>Gramática? “Pra pessoa se comunicar não é essencial.”</i>	
Quadro analítico 19	214
Microcena 16 – <i>Como o aluno deve sentir-se para aprender?</i>	
Quadro analítico 20	217
Quadro analítico 21	218
Microcena 17 – <i>Há lugar para a tradução?</i>	
Quadro analítico 22	220
Quadro analítico 23	223
Microcena 18 – <i>“Não sei, isso é muito relativo.”</i>	
Quadro analítico 24	226
Quadro analítico 25	227
Microcena 19 – <i>Mila e a Prática Exploratória</i>	
Quadro analítico 26	230
Quadro analítico 27	230
Quadro analítico 28	231
Quadro analítico 29	231
Quadro analítico 30	232

Microcena 20 – <i>Prática profissional: momento crítico 1</i>	
Quadro analítico 31	234
Quadro analítico 32	234
Quadro analítico 33	236
Quadro analítico 34	238
Microcena 21 – <i>Ensinar para o aluno fazer prova?: momento crítico 2</i>	
Quadro analítico 35	239
Quadro analítico 36	240
Quadro analítico 37	241
Quadro analítico 38	242
Quadro analítico 39	244
Microcena 22 – <i>A autoridade da orientadora educacional</i>	
Quadro analítico 40	245
Quadro analítico 41	246
Quadro analítico 42	246
Quadro analítico 43	247
Microcena 23 – <i>Um caso de estratégia de aprendizagem</i>	
Quadro analítico 44	249
Quadro analítico 45	251
Quadro analítico 46	252
Microcena 24 – <i>Discutindo a vida no CELE: enquadres conflitantes</i>	
Quadro analítico 47	256
Quadro analítico 48	257
Quadro analítico 49	257

SOBRE A APRESENTAÇÃO E A ORGANIZAÇÃO DA TRANSCRIÇÃO NAS MICROENUNCIATIVAS

Nesta tese, optei por trabalhar com microenunciativas retiradas do corpus originado das gravações dos encontros de nosso grupo de estudos, reflexão e pesquisa que aconteceram por quase três anos em um curso de idiomas. Por isso, em cada uma delas há a indicação da data em que o dado foi coletado, bem como a indicação da página. Assim, [p.3] significa página três. Além disso, esclareço que a numeração das linhas sempre começa do número um porque entendi ser uma forma de tecer a análise, tornando a leitura mais amigável ao leitor – uma vez que na transcrição original usei apenas o turno.

CONVENÇÕES DE TRANSCRIÇÃO

(2.3)	pausa medida
.	entonação descendente ou final de elocução
,	entonação de continuidade
↑	subida de entonação
↓	descida de entonação
sublinhado	ênfase
MAIÚSCULA	fala em voz alta ou muita ênfase
: ou ::	alongamentos
-	não é enunciado o final projetado da palavra
- - - - -	silabação (letra a letra)
repetições	reduplicação de letra ou sílaba
°palavra°	fala em voz baixa
>palavra<	fala mais rápida
<palavra>	fala mais lenta
=	elocuições contíguas, enunciadas sem pausa entre elas, engatamento de turnos
[]	colchetes duplos no início do turno simultâneo (quando dois falantes iniciam o mesmo turno juntos)
[]	Colchete abrindo e fechando o ponto da sobreposição, com marcação nos segmentos sobrepostos – sobreposições localizadas
“palavra”	fala relatada
()	fala não compreendida
(palavra)	fala duvidosa
(())	comentário do analista, descrição de atividade não verbal (tosse, atitude, expressão face, gestos, ruídos do meio ambiente, dentre outros)
hh	aspiração ou riso
eh, ah, oh, ih, hum, ahã, humhum, hã	Pausa preenchida, hesitação ou sinais de atenção

ABREVIações UTILIZADAS

ACD	Análise Crítica do Discurso
APPE	Atividade Pedagógica com Potencial Exploratório
ARPE	Atividade Reflexiva com Potencial Exploratório
CELE	Centro de Estudos de Línguas Estrangeiras (nome fictício dado ao curso de idiomas onde a presente pesquisa foi desenvolvida)
l.	linha(s) – indica a(s) linha(s) em que se encontra a questão lingüística relevante para a análise e compreensão do fragmento no contexto de interação.
LA	Lingüística Aplicada
LE	Língua estrangeira
LM	Língua materna
PE	Prática Exploratória
TTC	<i>Teacher Training Course</i> – Curso para treinamento de professor de inglês
ZDP	Zona de Desenvolvimento Proximal

As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios.

Bakhtin ([1929] 2002)

Mas por que uma abordagem dialógica? Para que a discussão em torno dessas ciências – quanto ao seu método, seu rigor, sua cientificidade ou suas condições de possibilidade - possa incluir a questão da alteridade. Pois nossa primeira hipótese é de que em torno dessa questão que, em grande parte, se organiza a produção de conhecimentos.

Amorim (2004)

Reflection involves intuition, emotion, and passion and is not something that can be neatly packaged as a set of techniques for teachers to use.

Zeichner and Liston (1996)

All we can do is inspire them, or at least hope to, with the idea that they will need to learn whatever they can from others' words, but that in the end they will have to develop their own understanding [...] from their own experience.

Allwright (2002)